

AS PRAELOCUTIONES DE GEÓRGICAS III E DE RE RUSTICA VI: COMENTÁRIO COMPARATIVO

Matheus Trevizam*

* Professor
Associado de língua
e literatura latina da
Universidade Federal
de Minas Gerais.
mattrevi2017@gmail.
com

RESUMO: Neste artigo, depois de introduzirmos questões vinculadas à pertença de gênero das *Geórgicas* de Virgílio e do *De re rustica* de Columela, passamos a abordar comparativamente aspectos da estruturação dos proêmios do livro III da primeira obra e do livro VI da segunda. Assim, esperamos demonstrar que divergências em pontos como o número de subdivisões de cada proêmio, suas funções e a inserção do todo dessas partes textuais típicas no início de cada um dos livros que introduzem impedem-nos de falar em uma exata coincidência de conformação entre ambos.

PALAVRAS-CHAVE: proêmio; *Geórgicas* III; *De re rustica* VI; estrutura; função.

THE PRAELOCUTIONES OF GEORGICS III AND DE RE RUSTICA VI: A COMPARATIVE COMMENTARY

ABSTRACT: In this paper, preceded by the introduction of questions related to the generic links of Vergil's *Georgics* and of Columella's *De re rustica*, we present comparative structural aspects between the proems of Vergil's book III and Columella's book VI. Thus, we hope to demonstrate that divergences in points like the number of subdivisions in each *prooemium*, its functions and the full insertion of these typical textual parts at the opening of each one of these books prevent us from speaking about a precise conformational coincidence between the proems alluded.

KEYWORDS: proem; *Georgics* III; *De re rustica* VI; structure; function.

INTRODUÇÃO

Aqui nos posicionamos sobre os proêmios do livro III das *Geórgicas* de Virgílio e do livro VI da obra *De re rustica*, de autoria do “agrônomo” Lúcio Júnio Moderato Columela (séc. I d.C.). Não será vão, primeiramente, tecer algumas observações gerais sobre a natureza de um e outro texto, bem como a respeito

dos motivos de nossa escolha ao tomá-los, entre outras possibilidades em aberto, para objeto comum de nossos comentários comparativos.

O célebre poema de Virgílio, assim, define-se como uma criação vinculada à antiga tipologia da poesia didática, a qual, iniciada na Grécia arcaica com a feitura de *Os trabalhos e os dias* por Hesíodo (séc. VII a.C.), conheceu vasta difusão também em Roma.¹ Basicamente, os textos dessa categoria compositiva estruturam-se discursivamente sob o modo de uma situação de “aula”, no sentido de que a “voz” textual, moldada como a de um mestre de uma técnica ou outro saber qualquer (filosofia, astronomia, zoologia, toxicologia...),² direciona-se para o “exterior” da obra, interpelando o público à maneira de um “aluno”:

Dicendum et quae sint duris agrestibus arma, 160
quis sine nec potuere seri nec surgere messes:
uomis et inflexi primum graue robur aratri
tardaue Eleusinae matris uoluentia plaustra
tribulaue trabeaeque et iniquo pondere rastris;
uirgea praeterea Celei uilisque supellex, 165
arbutae crates et mystica uannus Iacchi:
omnia quae multo ante memor prouisa repones,
si te digna manet diuini gloria ruris.³

A passagem acima, extraída do livro I das *Geórgicas* mesmas, já nos permite observar alguns dos funcionamentos de sentido básicos, associáveis à poesia didática. Com efeito, nela o *magister* didático nomeado, em certas partes da obra, *Maro* (“Marão”, real *cognomen* de Virgílio) direciona-se a um inominado *discipulus*⁴ sobre o tema técnico das ferramentas agrícolas recomendáveis no cultivo do solo. Ele, então, define-se como professor na medida em que demonstra “preocupação” – *dicendum* –, ou senso de obrigatoriedade,⁵ no tocante

¹ Veja-se Toohey, 1996, p. 78 *et seq.*

² Veja-se Dalzell, 1996, p. 29.

³ Virgílio, *Geórgicas* I, 160-168: “Também se deve dizer quais são as armas dos camponeses duros,/ sem o que as messes não puderam ser cultivadas nem surgir:/ primeiro, a relha e a madeira pesada do arado curvo,/ os rolantes carros lentos da mãe Eleusina,/ grades, trilhos e ancinhos de peso excessivo./ E, além disso, os vimes de Celeu e os utensílios humildes:/ grades de medronheiro e a joia mística de Iaco;/ tudo o que, lembrando-te, guardarás de reserva com muita antecedência,/ se a glória honesta do campo divino está reservada a ti” (todas as traduções do latim neste artigo, salvo avisos em contrário, são de responsabilidade do autor).

⁴ O “aluno” nomeado nas *Geórgicas*, que se cita já a partir do verso dois do livro I do texto, é Caio Cílnio Mecenas. Contudo, essa inserção do refinado Mecenas – “primeiro-ministro” de Augusto etc. – como “aluno” de humildes práticas rurais acaba convidando o leitor a perguntar-se se, por detrás da aparente encenação do magistério agrícola no poema, não se oferecem outras possibilidades interpretativas mais afinadas com todo o requinte compositivo dessa obra-prima da literatura romana e, decerto, com seu sofisticado público original (Wilkinson, 1997, p. 121 *et seq.*).

⁵ A forma nominal do verbo correspondente a *dicendum* é um gerundivo, assim definido por Grimal *et alii* (1986, p. 100): Gerundivo em *-ndus* – Empregado como predicativo, exprime a obrigação (às

ao gesto de comunicar-se sobre os vários instrumentos de trabalho que passa a citar em seguida: eles são, segundo a listagem didática do trecho, a “relha”, o “arado”, os “rolantes carros lentos da mãe Eleusina, grades, trilhos e ancinhos de peso excessivo”; além disso, os “vimes de Celeu e os utensílios humildes, grades de medronheiro e a joeira mística de Iaco” (v. 162-166). Os dois versos finais, por sua vez, permitem-nos delinear os contornos da figura do *discipulus*, pois, através do emprego de uma forma pronominal – *te*, v. 168 – e de um verbo – *repones*, v. 167 – na segunda pessoa do singular, passa-se diretamente a evocar a escuta do outro que se aproxima do texto, segundo moldado por ele próprio,⁶ com fins de “instruir-se” no assunto agrícola sob o direcionamento do *magister*.

Mais alguns elementos podem ser apontados como integrantes do aparato expressivo da poesia didática antiga, a exemplo dos chamados “painéis” mítico-narrativos, conforme a terminologia do crítico anglófono Peter Toohey,⁷ e a geral, mas não exclusiva, recorrência ao metro hexâmetro datílico para a feitura dos textos.⁸ Por outro lado, quando consideramos não os traços de gênero de uma obra como as *Geórgicas*, mas sua conformação peculiar como representante da tipologia compositiva em pauta, nelas divisamos um exemplo de obra atinente ao multifacetado domínio dos escritos agrários em Roma Antiga,⁹ sendo que, no livro I, o poeta abordara o tópico do cultivo de grãos; no livro II, a arboricultura, porém com destaque efetivo para o plantio das vinhas; no livro III, cujo proêmio tematizaremos analiticamente no cotejo com o do livro VI do *De re rustica* de Columela, é a vez de serem descritos assuntos em nexos com a criação de grandes e pequenos animais – a saber, cavalos, bois, ovelhas e caprinos; no livro IV, o último do poema, o autor se concentra em descrever, com delicado e alexandrino pormenor, o mundo em miniatura das abelhas, com seus trabalhos, guerras, o culto ao “rei”, glória, doenças e morte.

Quanto ao *De re rustica* columeliano, ele se identifica com um exemplo dos escritos técnicos antigos moldados sob a fluida forma dos tratados. Assim, sabemos que, ao menos desde o fazer letrado de autores gregos como o Aristóteles da *Arte poética*, da *Arte retórica*,

vezes o fim): *Colenda est uirtus*. A virtude deve ser praticada./ É preciso, deve-se praticar a virtude.

⁶ Ao receptor intratextual da poesia didática, Alison Sharrock chamou *Reader*, ao extratextual (público efetivo), *reader* (Sharrock, 1994, p. 8 *et seq.*).

⁷ Toohey, 1996, p. 4: Included within the narrative are normally a number of illustrative panels. These are often based on mythological themes.

⁸ A *Ars amatoria* e os *Remedia amoris* de Ovídio, bem como os *Fusti*, por alguns considerados um exemplo de poema didático da lavra do mesmo poeta, não foram compostos em hexâmetros, mas sim em dísticos elegíacos (Toohey, 1996, p. 127-128).

⁹ O pioneiro dos tratadistas agrícolas romanos foi Catão, o Velho, com seu *De agri cultura* (inícios do século II a.C.); no século I a.C., Varrão de Reate compôs seu *De re rustica* e Virgílio, dez anos depois, as *Geórgicas*; no século I d.C., Lúcio Júnio Moderato Columela deu a público seu volumoso *De re rustica*, em doze livros; enfim, do século IV d.C., mencionamos Rútlio Tauro Emiliano Paládio, autor do *Opus agriculturae* (apenas os principais autores e obras romanos de agricultura são lembrados nesta nota resumida).

do *Peri ouranoú* e da *Ética Nicomaqueia*,¹⁰ com significativa representatividade no Período Helenístico,¹¹ encontram-se na literatura antiga espécimes do gênero mencionado.

Sem, em absoluto, que se possa dizer que as obras tratadísticas antigas não receberam a atenção de seus autores no aspecto formal ou da escrita, em seus propósitos alheios aos meros intentos informativos,¹² evidentemente não se trata de uma tipologia tão centrada em fins expressivos quanto a poesia didática. Assim, no quesito do modo de feitura mencionamos, além do geral emprego da prosa para a construção dos tratados, as chances de que eles tenham sido divididos em livros, muitas vezes encabeçados por específicos *prooemia*, partes, essas, amiúde elaboradas com algum aparato adicional em relação ao corpo preceituador dos segmentos textuais que introduzem.¹³

Sobre a construção tratadística do próprio *De re rustica* de Columela, referimo-nos a um texto que tematiza, ao longo de suas doze partes,¹⁴ vasta gama de assuntos em nexos com os fazeres agrícolas: nos livros I e II, introduzem-se nessa obra tópicos como a qualidade e a situação das terras, as construções rurais, a drenagem do solo e o trato dos bois de arado; os livros III e IV formam uma espécie de par, na medida em que contêm, ambos, preceitos

¹⁰ Lesky, 1995, p. 595: A *Ética a Nicômaco* que, atendendo ao seu espírito, se costuma atribuir, com algum fragmento, ao último período da criação aristotélica, mostra a distância que o separa de Platão com uma clareza só comparável com a *Política*. A essência moral do homem já não se faz depender da contemplação do mundo das essências eternas, no qual a ideia de Bem derrama a sua luz sobre todas as coisas; em medida incomparavelmente mais alta que Platão, Aristóteles tem em conta o *hic et nunc* do agir humano.

¹¹ Veja-se Trevizam, 2014b, p. 37.

¹² Gaillard; Martin, 1990, p. 173: Un ouvrage consacré aux genres littéraires d'aujourd'hui ne ferait pas certainement aucune place aux traités de physique, de biologie, de mathématiques ou d'économie, tant il est vrai que de nos jours un fossé profond et quasi infranchissable sépare ce qu'il est convenu d'appeler les «sciences» et les «lettres». (...) Il n'en était pas de même dans l'Antiquité, où tout «scripteur» d'un ouvrage, quel que fût le contenu de cet ouvrage, adoptait peu ou prou le comportement d'un «écrivain», c'est-à-dire faisait oeuvre littéraire au sens que nous avons donné à ce mot.

¹³ Veja-se juízo de Callebat sobre os atrativos dos *prooemia*, ou outros elementos, do *De Architectura* vitruviano: Il apparaîtra enfin, dans une perspective beaucoup plus vaste, que le travail évoqué d'élaboration artistique affecte la structure même du *De Architectura* – construction générale de l'ouvrage, répartition et ordonnance des développements. L'ouverture par une préface de chacun des dix livres du traité, les thèmes développés dans ces préfaces (thèmes moraux, sur l'injustice de la gloire, par exemple, dans la préface du livre 3; éloge de la philosophie et de la culture, dans la préface du livre 6; exposé des grandes théories cosmogoniques, dans la préface du livre 8; hymne aux sciences, dans la préface du livre 9 ...), les *excursus* descriptifs (tels que l'évocation du cours du Nil, au livre 8, 2, 6-7), les grands tableaux historiques ou mythiques (comme celui, au livre 2,1, des civilisations primitives - avec une *retractatio* probable de Lucrèce 5, 925-1107), les multiples *exempla* (histoire de l'architecte Diognète, par exemple, au livre 10, 16, 3 sq.) ne participent pas seulement de prétentions encyclopédiques, mais manifestent d'abord l'effort très concerté d'une construction artistique.

¹⁴ Todas introduzidas por peculiares *prooemia* e, quase sempre, escritas em prosa, a não ser o livro X, metrificado como um poema didático em versos hexâmetros.

concentrados no assunto da viticultura; no livro V, sem que se abandone, em definitivo, o tratamento do tópico de plantio das uvas, Columela prossegue em seu minucioso “curso de agricultura”, recomendando também a respeito das medidas das terras senhoriais, das oliveiras e das árvores frutíferas, além dos enxertos e demais pontos.

Entre os livros VI a IX, tal “agrônomo” adentra, já, assuntos de criação de animais: assim, no primeiro dessa série (*aquele sobre cujo proêmio focalizaremos, em parte, a presente exposição*), dá-se a incorporação da pecuária de grande porte, pois o autor se direciona aos bovinos, equinos e mulas; no seguinte, em forte analogia com a *dispositio* dos temas no livro III das *Geórgicas* de Virgílio,¹⁵ Columela trata inclusive das ovelhas, caprinos e cães; em VIII, o público do compêndio depara o âmbito de algo chamado, pelos tratadistas antigos, *uillatica pastio*,¹⁶ ou seja, as criações de animais menores do que os já citados – peixes e aves – nas cercanias da *uilla rustica*, a casa-sede das propriedades rurais no mundo romano; por fim, em IX, desenvolvem-se aspectos em direta correlação com a apicultura, algo reservado, no poema didático de Virgílio aqui em pauta, para seu quarto e derradeiro livro.

A décima subdivisão do *De re rustica* surpreende-nos por identificar-se com um pequeno¹⁷ poema didático em hexâmetros datílicos sobre a cultura das hortas. Interessa observar, a respeito dele, que manifestamente se constitui, segundo esclarecido no proêmio dessa parte do texto, em uma retomada de algo um dia “negligenciado” pelo Virgílio das *Geórgicas*, o qual, em certo ponto,¹⁸ “desistira” de preceituar sobre o plantio de flores, ervas e hortaliças no livro derradeiro da mesma obra a fim de encaminhar-lhe o término:

¹⁵ Em *Geórgicas* III, 49, Virgílio inicia a abordagem pecuária dos animais de grande porte (bovinos e equinos); no verso 295, depois de um “segundo proêmio” intercalado (v. 284-294), o poeta começa a tratar dos pequenos animais (ovelhas e caprinos). Note-se que, à semelhança do procedimento de Columela, seu sucessor na linhagem dos escritores agrários romanos, esse poeta primeiro tematiza os animais maiores, depois os menores. Contudo, naturalmente se vê que a escolha das espécies por ambos não é sempre a mesma, e que o autor em prosa, na verdade, reparte os temas pecuários entre dois livros distintos.

¹⁶ Robert, 1985, p. 279: À la ferme même, on procède également à l'élevage d'un certain nombre d'animaux dont s'occupe en général la fermière: ce sont les animaux de la basse-cour, les oiseaux, mais aussi les abeilles et parfois les poissons dans le vivier.

¹⁷ São, no total, 436 versos.

¹⁸ Virgílio, *Geórgicas* IV, 116-124: *Atque equidem, extremo ni iam sub fine laborum/ uela trabam et terris festinem aduertere proram,/ forsitan et, pinguis hortos quae cura colendi/ ornaret, canerem biférique rosaria Paesti,/ quoque modo potis gauderent intiba riuis/ et uirides apio ripae, tortusque per herbam/ cresceret in uentrem cucumis; nec sera comantem/ narcissum aut flexi tacuisse uiminem acanthi/ pallentisque bederas et amantis litora myrtos.* – “E decerto, já no fim derradeiro da obra,/ se não colhesse as velas e me apressasse em voltar a proa para as terras,/ talvez também que cuidado de cultivo ricos hortos/ adorna cantasse, os roseirais de Pesto duas vezes fértil,/ de que modo se alegam as endívias ao beber dos rios/ e as margens que verdejam com o aipo, e como o pepino, recurvado pela/ relva, faz crescer o seu ventre; nem o narciso que floresce/ tarde ou a haste do acanto flexível calaria,/ e as pálidas heras com os lírios amantes das ribeiras”.

*Quare cultus hortorum, quoniam fructus magis in usu est, diligentius nobis, quam tradiderunt maiores, praecipendus est: isque, sicut institueram, prosa oratione prioribus subnecteretur exordiis, nisi propositum meum expugnasset frequens postulatio tua, quae praecepit, ut poeticis numeris explerem Georgici carminis omissas partes, quas tamen et ipse Vergilius significauerat, posteris se memorandas relinquere.*¹⁹

Os dois livros finais do *De re rustica*, ainda, encarregam-se de desenvolver, o primeiro deles, o assunto da figura do *uilicus* e, de novo, da cultura das hortas, porém sob a forma prosística; no outro, focaliza-se a escrita columeliana sobre a “consorte” desse escravo especializado – a *uilica* –, bem como em muitos aspectos sob sua responsabilidade no interior da casa-sede da propriedade rural, como a confecção de conservas.²⁰

Depois dessa breve recapitulação temática, a qual já permite ter alguma ideia da supracitada abrangência do *De re rustica*, desejamos agora sucintamente ressaltar que o texto recebe generalizados cuidados compositivos. Em uma sua obra resultante de re-elaboração de tese acadêmica, José Ignacio García Armendáriz observou:

La búsqueda constante de la *uariatio* en la sintaxis y el léxico, el gusto por la disposición simétrica, o mediante correlaciones, de los miembros de la frase o del período, la observancia, en fin, de las normas de la prosa métrica, configuran el estilo de Columela como una genuina muestra de la mejor latinidad argéntea. El agrónomo de Gades quiso sin duda dar al tema objeto de su estudio carta de ciudadanía en la república de las Letras; más adelante veremos cómo su lengua cuidada y elegante supondría un obstáculo para la difusión posterior de su obra. Plinio el Viejo y Paladio criticarán – con velada alusión a Columela – el uso de un estilo rebuscado cuando el tema y el destinatario de la obra requieren al contrario una exposición sencilla;

¹⁹ Columela, *De re rustica* X (*prooemium*, 3): “Por isso o cultivo das hortas, já que seus frutos agora têm maior uso, devo ensinar com mais cuidado do que no-lo transmitiram os ancestrais: ele, como eu determinara, unir-se-ia em prosa a meus primeiros livros, se não me demovessem o propósito teus frequentes pedidos, os quais me recomendaram completar em ritmos poéticos as partes negligenciadas das *Geórgicas*; essas, porém, mesmo o próprio Virgílio indicara que deixava para serem referidas por seus epígonos”.

²⁰ Columela, *De re rustica* XII, XIV, 2: *Hoc eodem tempore, uel etiam primo mense Augusto, mala et pira dulcissimi saporis mediocriter matura eliguntur, et in duas aut tres partes harundine uel osseo cultello dinisa in sole ponuntur, donec arescant. Eorum si est multitudo, non minimam partem cibariorum per biemem rusticis uindicant. Nam pro pulmentario cedit, sicuti ficus, quae cum arida seposita est hiemis temporibus rusticorum cibaria adiunuat.* – “Nessa mesma época, ou ainda no começo do mês de agosto, maçãs e peras do mais doce sabor são colhidas razoavelmente maduras e, cortadas em duas ou três partes com uma cana ou faquinha de osso, põem-se ao sol até secarem. Se as houver em abundância, durante o inverno não se arrogam a menor parte do sustento dos rústicos. Com efeito, contam como um aperitivo, assim como o figo, que, sendo guardado seco, ajuda a sustentar os rústicos na estação invernal”.

y Casiodoro, en el umbral de la Edad Media, recomendará a sus monjes iletrados la absoluta claridad (*planissima lucidatio*) de Paladio, frente a un Columela difícil, más adecuado para las gentes cultivadas que para los ignorantes.²¹

Então, a própria exposição conjunta do preenchimento temático dos livros III das *Geórgicas* e VI do *De re rustica* já nos permite justificar-nos por tê-los escolhido para este comentário comparativo, no tocante à estruturação de seus respectivos proêmios. Com efeito, sempre se trata de livros “pecuários” das obras “agronômicas” em que se encontram, ocorrendo que o livro VI da obra columeliana aludida contenha apenas o assunto do trato dos grandes animais, ponto também coberto pela parte correlata das *Geórgicas* junto com as ovelhas e caprinos.

COMENTÁRIO COMPARATIVO SOBRE OS PROÊMIOS DE *GEÓRGICAS III* E *DE RE RUSTICA VI*

Um aspecto que poderíamos ressaltar quando se cotejam as duas peças proemiais a que temos aludido diz respeito à sua distinta divisão e organização de partes. Parece-nos, com efeito, que esse longo proêmio virgiliano encerra duas grandes subdivisões possíveis, a saber, uma *recusatio* de dedicar-se, no presente momento da feitura das *Geórgicas*, a algo como a escrita de um poema épico-heroico e o endosso da validade de escrever um texto didático sobre o trato dos animais domésticos. Em outras palavras, de início, nesse livro III, o poeta afirma seu ofício de tematizador da pecuária *negando* outros assuntos; depois, ele mesmo o faz positivamente, sobre tópicos como a criação de cavalos.

Alguns dos temas poéticos adicionalmente negados por Virgílio, antes de passar ao corpo central da parte que corresponde à *recusatio* do proêmio do livro III, são “o duro Euristeu” (*Eurysthea durum*, v. 4), “os altares de Busíris abominável” (*inlaudati... Busiridis aras*, v. 5), “o jovem Hílas” (*Hylas puer*, v. 6), “Delos de Latona” (*Latonia Delos*, v. 6),²² “Hipodâmia” (*Hippodame*, v. 7)²³ e “Pélope, notável pelo ombro de marfim, / fogoso com os cavalos”.²⁴ Com exceção de “Delos”, ilha grega de fato integrante da geografia do arquipélago das Cícladas, todos esses assuntos se identificam com *mitos*, muitas vezes dotados de características altamente fantasiosas: Pélope, sobretudo, teria sido um filho do rei Tântalo, morto por seu pai e servido aos deuses em um banquete funesto; nessa ocasião, perdeu um ombro, devorado pela deusa Ceres sem que ela o soubesse, e ganhou, depois de sua “ressurreição”,

²¹ Veja-se Armendáriz, 1995, p. 32-33.

²² *Delos de Latona*: veja-se Commelin, 1983, p. 43: Momentaneamente transformada em codorniz por Júpiter, [Latona] refugia-se em Delos onde dá à luz Apolo e Diana, à sombra de uma oliveira ou de uma palmeira.

²³ *Hipodâmia*: filha do rei Enomau, da Élida (Grimal, 1963, p. 211-212).

²⁴ Virgílio, *Geórgicas III*, 7-8: *umeroque Pelops insignis eburno, / acer equis*.

uma “prótese” de marfim para repô-lo. Ele também precisou disputar Hipodâmia, sua futura esposa, em uma corrida de carros.²⁵

“Euristeu”, “Busíris” e “Hilas”, por sua vez, são personagens vinculadas ao ciclo lendário de Hércules, pois o primeiro fora um rei que lhe impusera os “Doze trabalhos” por instigação da deusa Juno;²⁶ o segundo, um monarca imaginário do Egito conhecido por sua notória crueldade, pois tinha o hábito, até sua derrota pelo herói aludido, de iludir e sacrificar os próprios hóspedes;²⁷ Hilas, enfim, foi um belo adolescente de quem Hércules se enamorou, e cuja formosura acabou determinando seu rapto inesperado pelas ninfas.²⁸

Ora, tais temas poéticos, em seu conjunto, não se prestariam a preencher o centro temático de um livro como a terceira subdivisão das *Geórgicas*: correspondem, quando consideramos a personagem de Hércules – ou seus coadjuvantes no mito –, a assuntos mais bem adaptados a iniciativas épicas,²⁹ talvez trágicas,³⁰ idílicas³¹ e elegíacas, como atesta a citação da perda de Hilas em uma conhecida elegia de Sexto Propércio.³² Por sua vez, um

²⁵ Grimal, 1963, p. 211: Mais Oenomaos ne voulait pas marier sa fille. Certaines versions assurent qu'un Oracle lui avait prédit qu'il mourrait de la main de son gendre. Mais d'autres auteurs assurent qu'il était lui-même amoureux d'Hippodamie. Quoi qu'il en soit, il avait imaginé pour écarter les prétendants le stratagème suivant: il avait mis la main de sa fille comme prix d'une course en char.

²⁶ Commelin, 1983, p. 181-182: Euristeu era o filho de Estênelo e de Micipe, filha de Pélops. (...) Esse príncipe, ciumento da reputação de Hércules e receando ser um dia destronado, perseguiu-o sem descanso, e teve o cuidado de dar-lhe sempre ocupações fora dos seus estados, para evitar que ele perturbasse a marcha do governo. O herói exerceu sua grande coragem e suas forças em empresas igualmente delicadas e perigosas, isto é, os *Trabalhos de Hércules*, em número de doze.

²⁷ Grimal, 1963, p. 68-69: En effet, une série de mauvaises récoltes s'était abattue sur l'Égypte, et Phrasios, un devin venu de Chypre, avait conseillé au roi de sacrifier chaque année, à Zeus, un étranger, afin d'apaiser le dieu et de ramener la prospérité. Ce que fit Busiris, commençant par sacrifier Phrasios lui-même.

²⁸ Grimal, 1963, p. 216: Mais, au cours d'une escale en Mysie, pendant qu'Héraclès était allé couper un arbre pour se faire un aviron (celui dont il s'était servi jusque-là s'étant brisé), Hylas avait été chargé de puiser de l'eau à une source, dans la forêt, ou encore au fleuve (ou au lac) Ascanios. Les Nymphes, le voyant si beau, l'avaient attiré à elles pour lui donner l'immortalité.

²⁹ Hércules fora celebrado, com a inclusão do episódio do rapto de Hilas, no canto primeiro das *Argonáuticas* de Apolônio de Rodes (séc. III a.C.); veja-se Lesky, 1995, p. 771.

³⁰ Conhecem-se, a título de exemplificação, a tragédia *Hércules*, de Eurípidés (encenada pela primeira vez em Atenas entre 420 e 415 a.C.), e a versão estoica do *Hércules no Eta*, composta por Lúcio Aneu Sêneca (séc. I d.C.).

³¹ Vieira, 2006, p. 102: Além de Apolônio, Teócito, em seu *Idílio XIII*, também situa o abandono de Héraclès na Mísia e o justifica pelo mesmo motivo, a procura por Hilas, seu escudeiro, que é raptado pelas ninfas. As numerosas semelhanças temáticas e textuais entre esse texto e o episódio de Apolônio há muito foram notadas e apontam seguramente para uma relação intertextual, restando, contudo, saber quem alude a quem.

³² Propércio, I, XX, 45-50: *Cuius ut accensae Dryades candore puellae/ miratae solitos destituere choros,/ prolapsum leniter facili traxere liquore:/ Tum sonitum rapto corpore fecit Hylas./ Cui procul Alcides iterat responsa; sed illi/ nomen ab extremis montibus aura refert.* – “Mal as Driades virginais se inflamaram pelo seu candor,/ cheias

assunto como a celebração da ilha de Delos se encontra em um poema lírico atribuído ao poeta grego Teógnis, no qual ele alude ao nascimento do deus Apolo nessa localidade, após um curioso parto protagonizado por Latona.³³

No próprio poema a cuja escrita se dedica quando escreve esses versos, no entanto, Virgílio depara a necessidade de abordar assuntos mais concretamente vinculados à ruralidade itálica, como seus rebanhos e manadas de bovinos ou outros quadrúpedes. Então, uma primeira delimitação dos terrenos por onde *não há de trilhar* serve-lhe de entrada para negar, ou, propriamente, postergar, outro tipo de iniciativa poética: ela corresponde, bem notaram os críticos do autor, a um fazer épico, na medida em que as imagens relativas à construção de um templo, tal qual evocadas a partir de v. 13, parecem indicar semelhante forma expressiva no plano literário.³⁴

Com efeito, dizendo em v. 16-18 que há de postar o próprio César em meio ao imaginário templo de mármore que planeja construir às margens do rio Múncio, em sua Mântua natal e, sobretudo, “tendo vencido e bem visível em ostro tírio” (*uictor ego et Tyrrio conspectus in ostro*, v. 17),³⁵ “haver de tocar em sua honra cem carros puxados por quatro cavalos junto ao rio” (*centum quadriungos agitabo ad flumina currus*, v. 18), Virgílio evoca imagens de grandeza e em harmonia com um triunfo:³⁶ afinal, nessas cerimônias públicas características da cultura romana, os generais vencedores, como paga por suas conquistas, desfilavam à vista de todos em chamativa indumentária e aparato, em geral servindo-se de veículos puxados por equinos.³⁷ Sobre, especificamente, as ressonâncias bélicas da personagem de “César”, correspondente à figura histórica de Otaviano Augusto, o primeiro imperador de Roma, lembramos a comum associação dele aos fazeres militares ao longo dos livros das *Geórgicas*,³⁸ bem como as chances de que Virgílio, aludindo a seus planos posteriores de escrever a *Eneida*,

de espanto, desfizeram o seu grupo/ e suavemente fizeram-no tombar na água fácil./ Ao ser-lhe o corpo arrebatado, solta Hílas um grito;/ longe dele, Alcides responde da mesma forma, mas a ele/ o vento traz-lhe o eco do nome desde os montes extremos” (trad. Aires A. Nascimento).

³³ Veja-se Cabral, 2004, p. 48 e *supra*, nota 22.

³⁴ Para a discussão mais aprofundada desse assunto, inclusive incorporando rico diálogo com a bibliografia pregressa, veja-se Wilkinson, 1997, p. 168-172.

³⁵ *Ostro tírio*: tintura de púrpura que se produzia em Tiro, na Fenícia.

³⁶ Wilkinson, 1997, p. 168: But strangely mingled with this symbolism of the Greek games is that of the Roman Triumph. With astonishing audacity, surely imbibed from Píndar (though Lucretius 4. 1-25 may have helped), the shy son of a Mantuan countryman represents himself as a symbolic *triumphator*, for conquering from the Greeks another province of poetry.

³⁷ Bornecque; Mornet, 2002, p. 113-114: Este compreendia em essência as seguintes partes: objetos de toda natureza representando o espólio de guerra; – principais prisioneiros; – o triunfador, num carro dourado, em forma de torre, atrelado a quatro cavalos brancos; sentado numa cadeira curul, trajando uma túnica bordada e uma toga de púrpura bordada a ouro, levava à mão um cetro de marfim e à cabeça uma coroa de louro; o rosto pintava-se de vermelho (assim é que se representavam os deuses) – o exército vitorioso.

³⁸ Veja-se Wilkinson, 1997, p. 162-172 e p. 173-182, em respectiva cobertura aos tópicos do tratamento da figura de Augusto em inícios dos livros I e III das *Geórgicas* e do suposto “augustanismo” de Virgílio.

faça menção, no contexto de que se trata, à própria centralidade da casa real *Júlia*³⁹ em seu poema épico, inclusive devido à aguardada celebração de Eneias e seu filho *Iulo* nessa obra.

Contudo, é mais ostensivo das associações metafóricas entre o templo cujos contornos se traçam nesse proêmio e um empreendimento épico, todavia postergado para um momento posterior, diante da urgência de dar curso à feitura das *Geórgicas*, que Virgílio passe a mencionar, entre os elementos arquitetônicos do edifício, a “luta dos Gangáridas” (*pugnam... Gangaridum*, v. 26-27), as “armas de Quirino” (*arma Quirini*, v. 27), o “Nilo que flui em agito pela guerra e/ vasto” (*undantem bello magnumque fluentem/ Nilum*, v. 28-29), as “cidades dominadas da Ásia e o Nifates derrotado” (*urbes Asiae domitas pulsumque Niphaten*, v. 30): esses correspondem, segundo explica, a itens que incluirá no entalhe das portas. Além disso, com a menção a várias personagens – “Assáraco”, “pai Tros” e o “instigador Cíntio de Troia” (Apolo) – em conexão com a história de Ílio, cidade à qual se vinculavam lendariamente as raízes de Roma e da casa Júlia,⁴⁰ Virgílio logra aludir de leve a aspectos, na verdade, depois desenvolvidos com muito mais detalhes no grande épico da *Eneida*. Desta feita, tais figuras do passado longínquo assumem, na imagética virgiliana do edifício sagrado, a forma de estátuas de mármore que, assim como a de Augusto e os entalhes guerreiros do portal, dignificarão e preencherão, à maneira de temas literários, o ambiente do templo.

O que lemos entre v. 40 e 45, porém, identifica-se, como acima referíamos, com uma postura afirmativa de Virgílio/ *magister* didático diante do que pretende fazer no presente momento de sua enunciação. Ele diz, ali, que ganhará as “matas e clareiras intocadas das Driades” (*Dryadum silvas saltusque.../ intactos*, v. 40), a fim de cumprir as “ordens não fáceis” (*haud mollia iussa*, v. 41) de Mecenas. Mais do que interpretar com acuidade a natureza, enfim, de semelhantes “ordens” (uma “encomenda” oficial das *Geórgicas* por parte dessa personagem, espécie de “ministro cultural” de Augusto?⁴¹ Um simples modo de dizer de Virgílio, diante do que considera a premência do atendimento ao pedido de um amigo?), interessa-nos agora ressaltar que, pronunciando-se dessa forma, o poeta se vincula ao desenvolvimento de assuntos em contato com a vida agrícola, pois os bosques e clareiras, miticamente associáveis à figura das Ninfas, eram, na “vida real”, cenários de alimentação e permanência de algumas espécies domesticadas pelo homem.⁴² Em v. 43-45, ainda, são citados o monte arcadiano

³⁹ Veja-se La Penna, 2002, p. 63.

⁴⁰ La Penna, 2002, p. 22-23: La gens *Iulia* e in particolare la famiglia da cui Cesare nacque si ritenevano provenienti da *Bonillae*, un piccolo centro abitato vicino ad Alba, la capitale dei Latini che era stata distrutta da Tullo Ostilio: dunque origini albane; infatti gli *Iulii* discendevano da *Iulus*, il figlio di Enea che aveva fondato Alba. (...) Discendenza da Iulo e da Enea significava discendenza da Venere, e su questo punto soprattutto insisté la famiglia per risollevere il proprio prestigio.

⁴¹ Bornecque; Mornet, 2002, p. 25: [Mecenas] foi por diversas vezes encarregado da administração do império durante as ausências de Augusto. Protetor de Virgílio, Horácio, Vário e Propércio. Morre em 9 a.C.

⁴² Robert, 1985, p. 275: L'élevage du porc était généralisé en Italie mais les campagnes marécageuses et boisées où se trouvent force glands et racines lui convenaient particulièrement.

do “Citero”, onde se praticavam caçadas,⁴³ “cães taigetos” – de uma raça empregada para semelhante fazer recreativo –⁴⁴ e “Epidauro domadora de cavalos”,⁴⁵ em mais uma afirmação do atual compromisso de Virgílio com o desenvolvimento temático de assuntos vinculados à criação de animais, mediante alusões evocativas não de plantas ou abelhas, temas dos demais livros das *Geórgicas*, mas sim de espécies como os equinos e cachorros, os quais, decerto, acabavam integrando em alguma medida os horizontes dos camponeses itálicos.⁴⁶

Entre v. 46 e 48, na verdade encontramos o que se poderia considerar, mais do que uma distinta seção do proêmio, o *fecho dessa passagem inteira*, em reiterada afirmação de algo já colocado, de modos distintos, nas duas partes constitutivas essenciais a que temos aludido. Assim, ratifica aqui o poeta que somente depois há de dispor-se a “celebrar as ardentes batalhas de César” (*ardentis... dicere pugnas/ Caesaris*, v. 46-47), bem como a propagar-lhe a fama por dilatado período de tempo, na verdade tão longo quanto o tempo que dista essa personagem de “Titono”, seu mais longínquo ancestral (v. 48).

Quando examinamos o proêmio do livro VI do *De re rustica* de Columela sob o mesmo quesito de suas partes constitutivas, porém, divisa-se uma conformação algo distinta. Então, nitidamente nos parece que essa parcela da obra do “agrônomo” contém, em vez das duas das *Geórgicas*, três subdivisões: seriam elas, de início, aquela da proposição da dignidade da pecuária diante de sua “companheira” nos trabalhos do campo, ou seja, a agricultura; a segunda corresponde, também com propósitos de dignificação e até justificativa⁴⁷ do tratamento da pecuária em um compêndio como o *De re rustica*, a um momento de erudição de Columela; a terceira, enfim, que partilha com a anterior o traço de ser erudita, todavia

⁴³ Virgil, 2001, p. 181 (comentário de R. D. Williams): *Cithaeron* – a mountain in Boeotia, mentioned in *Aen.* 4.303 as especially associated with Bacchic rites; it is also connected with the Muses. Here the particular association is with animals and hunting (*ingenti clamore*), part of the subject-matter of Book 3, as the following references to dogs and horses indicate.

⁴⁴ Virgil, 2001, p. 181 (comentário de R. D. Williams): *Taygetique canes* – Taygetus was a mountain range near Sparta (2.488); Spartan dogs were famous (345; 405). Cf. Shakespeare, *A Midsummer Night's Dream* 4.1.125 ‘My hounds are bred out of the Spartan kind’.

⁴⁵ Virgil, 2001, p. 181 (comentário de R. D. Williams): *Epidaurus* – a town in the Argolid, famous for its horses; cf. 121; Hor. *Odes* 1.7.9.

⁴⁶ Robert, 1985, p. 268: À côté des boeufs, les chevaux occupaient aussi une certaine importance dans les élevages. / Catão, *De agri cultura* CXXIV: *Canes interdum clausos esse oportet, ut noctu acriores et uigilantiores sint.* – “Durante o dia, é preciso que os cães fiquem presos, para que de noite sejam mais alertas e vigilantes”.

⁴⁷ Sobre a adoção de semelhante postura diante dos limites cabíveis à abordagem temática de um tratado sobre as artes agrárias (devem ou não acolher os assuntos pecuários?), veja-se Varrão, *De re rustica* I, II: *Certe, inquit Fundanius, alint pastio et alint agri cultura, sed adfinis et ut dextra tibia alia quam sinistra, ita ut tamen sit quodam modo coniuncta, quod est altera eiusdem carminis modorum incentiua, altera succentiua.* – “‘Certamente’, disse Fundânio, ‘a pecuária é diversa da agricultura, mas são afins, assim como a cana direita de uma flauta é diversa da esquerda, embora de certo modo a ela relacionada, pois uma toca a melodia e a outra faz o acompanhamento dos compassos da mesma canção”.

se concentra em delimitar com clareza qual dos assuntos pecuários o autor desenvolverá inclusive ao longo do livro que inicia.

Apresentando com um pouco mais de clareza cada uma dessas porções do esquema tripartido de Columela, primeiramente explicamos que a necessidade do “agrônomo” de justificar a arte sobre a qual passará a pronunciar-se, sob colorações técnicas, logo no capítulo I do livro VI do *De re rustica* diz respeito a uma resposta às colocações daqueles inclinados a ver na agricultura um aspecto em antagonismo com a pecuária. Então, segundo semelhante forma de posicionar-se – a qual Columela reputa errônea –, “aquele (o agricultor) se alegra especialmente com o solo lavrado e limpo, este (o pastor) com uma terra de pousio e relvosa; aquele espera rendimentos da terra, este do gado; e por isso o agricultor abomina, mas, pelo contrário, o pastor deseja o crescimento das ervas”.⁴⁸ Contudo, esclarece, sem a adubação abundante, proveniente dos detritos produzidos pelo gado, não pode haver a agricultura; além disso, na prática se desconhecem, como afirma, regiões apenas dedicadas ao cultivo de grãos, ou ainda trabalhadas sem auxílio animal aos homens, na lida camponesa;⁴⁹ por fim, em comprovação final dos muitos vínculos entre a agricultura e a pecuária, Columela traz ao texto as etimologias de “animal de carga” (*iuventum*)⁵⁰ e “rebanho de gado grosso” (*armentum*)⁵¹ em latim, as quais aludem ao papel desses itens como ativos coadjuvantes da lida agrícola antiga.

Na segunda seção proemial, continua a estratégia de argumentar pela via etimológica, desta feita situando as origens das palavras *pecunia* (“dinheiro”) e *peculium* (“pecúlio”) em *pecus* (“gado”, “rebanho”), como se isso pudesse servir de comprovação para o caráter lucrativo do trato dos animais. Com efeito, em citação “livresca” de outro “agrônomo” latino, Catão, o Velho, Columela prossegue destacando as vantagens práticas da pecuária para o homem do campo, pois, segundo a fonte que evoca, ela corresponderia ao mais rápido meio de enriquecimento, para os que a praticam com muito zelo; para os que a praticam com um pouco menos de cuidado, ela é um meio moderadamente bom de enriquecer; enfim, até para os que são negligentes, segundo Catão, a pecuária ocuparia o terceiro lugar entre os modos de ganho de maior interesse para o rústico. Embora manifeste reticências a seu antecessor nos escritos agrários romanos, quando cita o aspecto do “terceiro lugar” das atividades lucrativas

⁴⁸ Columela, *De re rustica* VI (*prooemium*, 1): *Cum ille quam maxime subacto et puro solo gaudeat, hic nouali graminosoque; ille fructum e terra speret, hic e pecore; ideoque arator abominetur, at contra pastor optet herbarum prouentum.*

⁴⁹ Columela, *De re rustica* VI (*prooemium*, 3): *Nec tamen ulla regio est, in qua modo frumenta gignantur, quae non ut hominum ita armentorum adiutorio colatur.* – “Inexiste, porém, alguma região em que apenas se produzam grãos e que não se cultive com o auxílio dos rebanhos, assim como com o humano”.

⁵⁰ Vinculado a *ingum*, com o sentido inicial de “parelha (de cavalos, burros etc.)”, depois de “animal de carga” (veja-se Ernout; Meillet, 2001, p. 327).

⁵¹ Veja-se Ernout; Meillet, 2001, p. 47: “Bando de animais domésticos de tamanho grande”, vinculado a *armus*, -i [“espádua (dos animais)”].

disponíveis ao *rusticus*,⁵² Columela não deixa de basear-se, nesta parte do proêmio, em suas palavras acessadas através de leituras e no meio letrado da etimologia para justificar que se dedique a compor em desenvolvimento e defesa dos assuntos pecuários.

Sobre esse modo de posicionar-se que em princípio se alheia ao emprego da argumentação de autoridade, ou seja, a ter esse “agrônomo” procedido etimologicamente, lembramos tratar-se de algo já presente nos escritos de um seu antecessor na linhagem dos escritos de agricultura produzidos em Roma Antiga. Referimo-nos, evidentemente, ao caso de Varrão de Reate, autor, entre outras de suas abundantes obras,⁵³ dos conhecidos diálogos *rerum rusticarum*, dados a público, talvez, por volta de 39 a.C. Tendo, portanto, antes composto inclusive o tratado gramatical identificado com o *De lingua Latina*, no qual desenvolvera, ao longo de vinte e cinco volumes, temas vinculados a diferentes aspectos do idioma pátrio (etimologia, morfologia, sintaxe...),⁵⁴ Varrão dedicou-se extensamente, naqueles de número dois a sete, a investigar o que parecia, para mais de um teórico antigo, um meio seguro de acessar o “significado verdadeiro” das palavras.⁵⁵

Esse grande interesse pregresso pelas investigações etimológicas, então, acabou adentrando os raciocínios de Varrão em seu *De re rustica*, espaço para que o autor se servisse, reiteradamente, de argumentos baseados na busca das “raízes” (ou étimos) de certos termos do vocabulário agrícola, objetivando pô-los sob a luz de uma melhor compreensão pelos leitores:

Relicum est de scientia pastoralis, de qua est dicendum, quod Scrofa noster, cui haec aetas defert rerum rusticarum omnium palmam, quo melius potest, dicit. Cum conuertissent in eum ora omnes, Scrofa, Igitur, inquit, est scientia pecoris

⁵² Columela, *De re rustica* VI (prooemium, 5): *Ceterum de tam sapiente viro piget dicere, quod eum quidam auctores memorant eidem quaerenti quidnam tertium in agricolatione quaestuosum esset, asseuerasse si quis vel male pasceret; cum praesertim maius dispendium sequatur inertem et inscium pastorem, quam prudentem diligentemque compendium.* – “Hesito em falar mais sobre um homem tão sábio, pois alguns autores lembram que ele, à mesma pessoa a indagar qual era a terceira atividade lucrativa na agricultura, afirmou corresponder até à condição de ser um mau criador. Pois, decerto, acompanha o criador inerte e ignorante uma perda maior que o lucro de um cuidadoso e diligente”.

⁵³ Codoñer, 2007, p. 766: El conjunto de las obras de Varrón debió de admirar a la Antigüedad y sigue siendo hoy algo verdaderamente espectacular. Una producción de más de cincuenta voluminosas obras que suman un número próximo a los seiscientos libros sobre los más variados temas, lo coloca entre los más grandes polígrafos del mundo clásico.

⁵⁴ Cardoso, 2003, p. 190: A gramática foi escrita entre 47 e 45 a.C. Dedicada a Cícero, compunha-se de 25 livros. O primeiro servia de prefácio aos demais, nos quais se abordavam a etimologia da língua latina, sua morfologia e sintaxe.

⁵⁵ Casquero, 1990, p. XXV: Resulta esclarecedor que el estoicismo utilizara el término “etimología”, es decir, “significado verdadero”. En efecto, para un estoico la auténtica verdad de una palabra consiste en la correspondencia natural y necesaria entre su significante y su significado, entre el nombre y el objeto designado: bastará desentrañar el origen de la palabra para descubrir la esencia última de lo que designa.

*parandi ac pascendi, ut fructus quam possint maximi capiantur ex eo, a quibus ipsa pecunia nominata est; nam omnis pecuniae pecus fundamentum.*⁵⁶

Ora, o pequeno excerto que acima reproduzimos, retirado de inícios do segundo diálogo rústico varroniano, que se ocupa, como o livro VI da obra de Columela sobre a qual nos pronunciamos, de assuntos pecuários, serve-se justamente da etimologia do supracitado vocábulo *pecunia* – também desta vez associado a *pecus* –⁵⁷ para contribuir, em meio a estratégias argumentativas variadas, com a defesa prática e moral dos trabalhos do criador de rebanhos e plantéis na Antiguidade romana. Assim, a reatualização nesse proêmio, por Columela, de um modo de abordagem dos elementos inseridos na lida camponesa que já estivera em uso⁵⁸ pelo culto e renomado⁵⁹ Varrão no século anterior contribui não só para inscrever de forma palpável seu próprio *De re rustica* na rendosa tradição compositiva das obras “agronômicas” romanas, mas ainda para atribuir a esse texto algo do brilho associável, no plano erudito, a tão notável antecessor.

A amiudada incorporação de saberes de especialistas do passado, por sua vez, para justificar as posições que se desejou assumir em algum assunto técnico, também correspondeu a algo encontrado em mais de um “agrônomo” da latinidade antiga, já antes dos tempos de feitura do *De re rustica* columeliano. Cientes de se pronunciarem no interior de uma área do saber, tantas vezes, tributária das palavras de autoridades pregressas, fossem elas representantes da cultura grega, latina, ou mesmo púnica,⁶⁰ escritores como Varrão, o

⁵⁶ Varrão, *De re rustica* II, I: “Resta falar da técnica pastoril, de que nosso Escrofa, a quem nossa época concede a palma em todos os assuntos rústicos, tratará por ser mais capacitado’. Tendo todos voltado o rosto para ele, Escrofa disse: ‘Há, pois, uma técnica de obter e pascer o gado, para poderem tirar dele o maior montante possível de rendimentos, e por causa dos animais se nomeou o próprio dinheiro; com efeito, o gado é o fundamento de toda riqueza”.

⁵⁷ Veja-se dicionário etimológico de Ernout e Meillet (2001, p. 492), que oferece, já em tempos modernos, a mesma explicação de Varrão ou Columela para a palavra latina *pecunia*, inclusive com a citação de uma passagem do primeiro para justificar sua forma de elucidação: *pecunia, ae - f. richesse en bétail; puis “argent, fortune, richesse”: pecus a quo pecunia uniuersa, quod in pecore pecunia tum consistebat pastoribus*, Varr. *L.L.* 5, 95.

⁵⁸ Para o melhor entendimento do emprego da etimologia como recurso de explicação das realidades agrárias, segundo constante do *De re rustica* varroniano, veja-se Trevizam, 2011, p. 362-365.

⁵⁹ Ainda em fins da Antiguidade Santo Agostinho de Hipona o cita repetidas vezes – sobretudo a partir da fonte constituída pelas *Antiquitates rerum diuinarum* – e Francesco Petrarca, no século XIV, considera-o o “terzo gran lume romano”, depois de Cícero e Virgílio [Trevizam, 2014b, p. 44]. Veja-se também Santo Agostinho, *A cidade de Deus*, livro IV, cap. XXII (2012, p. 198): Por que, pois, Varrão alardeia prestar grande serviço aos concidadãos, enumerando não apenas os deuses que convém adorem os romanos, mas também dizendo o que pertence a cada qual?

⁶⁰ No século II a.C., quando da queda de Cartago na derradeira Guerra Púnica, os romanos tomam contato com o grande tratado agrícola, em vinte e oito volumes, composto nessa língua semítica por Magão Cartaginês. Imediatamente, o senado de Roma ordena-lhe a tradução para o latim e os escritores de assuntos rústicos posteriores a Catão – o qual, nessa época, já publicara o *De agri cultura* – passam a citar seu nome e, é muito provável, a incorporar seus prestigiosos saberes aos tratados

Virgílio geórgico e, é provável, Catão, o Velho,⁶¹ que compusera seu *De agri cultura* entre os séculos III e II a.C., incorporaram conhecimentos alheios às próprias obras de modos, tantas vezes, passíveis de segura recuperação nas fontes originais. A título de exemplificação, em *Geórgicas* I, 160 *et seq.*, passagem, como vimos, em que se tematizam os instrumentos agrícolas de suposto uso na lida agrária como descrita por Virgílio, sente-se a influência de Hesíodo e Varrão;⁶² em *De re rustica* I, II, ainda, assim fundamenta a personagem de Estolão suas posições a respeito da melhor topografia do *fundus rusticus*:

*Stolo, Quod ad hanc formam naturalem pertinet, de eo non incommode Cato uidetur dicere, cum scribit optimum agrum esse, qui sub radice montis situs sit et spectet ad meridianam caeli partem.*⁶³

Evidentemente, a adoção de semelhante prática textual, ou seja, a citação, ou incorporação de palavras de “especialistas” pregressos às sucessivas obras que se foram fazendo ao longo da história da literatura agrária romana, implica em consolidar os elos entre os vários compêndios de teor rústico compostos na Antiguidade. Tal rede de citações, por sinal, encontra no “diálogo” entre o Columela do *De re rustica* e o Virgílio geórgico um de seus mais produtivos focos, pois sabemos que o “agrônomo” posterior muitas vezes citou a obra rústica do maior poeta de Roma, dela se servindo não apenas para o mero “adorno” de seu tratado com algum belo fraseado ou imagem, mas, como demonstrou Doody, inclusive com fins de fundamentação teórica em certos pormenores das artes agrárias.⁶⁴

que escreveram (Martin, 1971, p. 44-45: *Bien différente est l'opinion de Columelle, qui manifeste à l'égard de son prédécesseur carthaginois une admiration extrême, alors qu'il ne semble pas faire grand cas des agronomes latins antérieurs à lui, et qu'il ne mentionne même pas les éditions abrégées de Magon, sur lesquelles Varron, pour sa part, insistait beaucoup.*)

⁶¹ Catão não cita, propriamente, nomes de autores de compêndios em grego (ou qualquer outra língua) cujos preceitos teria incorporado a seu pioneiro *De agri cultura*. No entanto, a presença de abundante vocabulário grego nesse texto, bem como as chances de aproximá-lo tecnicamente de certas obras helênicas de agricultura/ manejo dos bens de família – como, talvez, o próprio *Econômico* de Xenofonte (Trevizam, 2008, p. 103-116) – tornam difícil pensar que nada ele deva, no aspecto da incorporação de conteúdos, a outros predecessores “livrescos”. Especificamente, para que se conheçam melhor os elementos de cultura helênica encontráveis no *De agri cultura*, veja-se a obra especializada de Silvano Boscherini (1970).

⁶² Virgil, 2001, p. 142 (comentário de R. D. Williams): This section is partly based on Varro RR 1.22.1, and on Hesiod *WD* 427f. Virgil has adapted the material to his own purpose by renewal of the military metaphor which he has used so frequently (*arma*, 160); by the religious connections of the implements (163-6); and by another memorable expression of the richness of the eventual reward (168).

⁶³ Varrão, *De re rustica* I, VII: “Estolão disse: ‘Catão não parece tratar mal do que se refere à topografia quando escreve que o melhor campo é o que se situa ao pé dum monte e se volta para o sul’”.

⁶⁴ Doody, 2007, p. 197: Columella’s Virgil is occasionally mistaken, but never loses his powerful voice as a traditional source of wisdom on agriculture. Pliny’s attitude to Virgil is more overtly agonistic, sometimes coming up with the worst possible version of what Virgil might have meant. It might seem that Columella’s praise of Virgil, his frequent quotations, should mean that Columella thinks

Sobre a terceira parte do proêmio columeliano sobre o qual nos pronunciamos, ela evidentemente se coaduna com o propósito típico, de semelhantes segmentos das obras antigas de caráter técnico, de sumarizar os conteúdos sobre os quais os autores não de pronunciar-se quando do efetivo início da abordagem expositiva.⁶⁵ Columela, assim, desincumbe-se da tarefa nesse contexto de modo complexo, na medida em que a sumarização aqui realizada aponta, mais do que apenas para o que há de ocorrer no livro VI, também para os conteúdos do sucessivo livro VII:

*Igitur cum sint duo genera quadrupedum, quorum alterum paramus in consortium operum, sicut bouem, mulam, equum, asinum; alterum uoluptatis ac reditus et custodiae causa, ut ouem, capellam, suem, canem: de eo genere primum dicemus, cuius usus nostri laboris est particeps.*⁶⁶

Na verdade, bois, cavalos e mulas, animais de trabalho, apenas, preenchem como temas de abordagem técnica o livro VI; no livro VII, por sua vez, o “agrônomo” passa a tecer

Virgil a more important agriculturalist than Pliny does, who quotes less frequently and often disagrees with his information.

⁶⁵ Em certo ensaio, J.-M. André (1989, p. 255-272) busca encontrar traços da retórica ciceroniana nos *proemia* de autoria de Columela, como responsável pela feitura do *De re rustica*. Assim, acaba divisando como recorrentes efeitos da construção proemial nesse autor: a. a *dedicatória*, que se presta a captar a benevolência do leitor; b. as *advertências* a respeito da dignidade da literatura técnico-científica; c. o *estabelecimento de um plano* do desenrolar dos posteriores preceitos, evitando, até, dispersar-se na continuidade em meio a digressões. Ora, quanto ao aspecto da dedicatória, embora não a haja de um modo muito convencional no sexto proêmio do *De re rustica*, de cujo comentário aqui nos ocupamos, tem-se a menção por duas vezes ao nome de Públio Silvino, explícito dedicatário do texto no livro X (ou em outras partes) da mesma obra, a saber; na segunda vez da menção a essa personagem de sua época, ainda, Columela explica que “lega à posteridade” (*posteritati mandauimus*) os assuntos pecuários, ciente de sua importância. Ora, não nos parece excessivo ver nesses dizeres uma forma de oferecimento das partes do tratado em nexos com as criações de animais a todos os que puderem interessar-se, inclusive Silvino, o qual, obscuridades históricas à parte, mais de uma vez se considerou como proprietário de terras desejoso de melhorar seus saberes no *métier* agrícola (Columella, 1977, p. 7: *Ignoto al di fuori delle molte citazioni del nostro Autore, da cui si ricava che fu proprietario terriero e suo vicino in quel di Cere.* – nota 2 de Rosa Calzecchi Onesti ao nome “Publio Silvino” constante da tradução italiana). Sobre o segundo ponto costumeiro da prática proemial de Columela, segundo descrita por André, nosso autor decerto adverte da importância de escrever a respeito da pecuária e, portanto, de um assunto técnico literariamente realizável, na medida em que, como temos enfatizado no próprio corpo do texto, estabelece elos entre tal parcela dos conhecimentos agrícolas e os “essenciais” conselhos de cultivo do solo. Enfim, esse tratadista se ocupa em justa medida, neste proêmio, de planificar o prosseguimento do próprio livro VI que começa, como explicamos na sequência do artigo.

⁶⁶ Columela, *De re rustica* VI (*prooemium*, 6): “Havendo, então, dois tipos de quadrúpedes, um que obtemos para a partilha dos trabalhos – como os bois, as mulas, os cavalos e os asnos –, outro pelo prazer, lucro e guarda – como as ovelhas, as cabras, os porcos e os cães –, falaremos primeiro daquela categoria cuja utilidade é partilhar de nosso trabalho”.

comentários a respeito de ovelhas, caprinos e cães (mas também, em menor medida, dos asnos), como já dissemos. A continuidade da mesma seção proemial em Columela revela-nos, ainda, novos esforços da erudição do autor, pois ele, desejando destacar a proeminência dos bovinos diante de todos os outros animais domésticos que se criam no campo, faz menção *explícita* a mais um antecessor romano no âmbito dos escritos agrícolas – ou seja, ao Varrão do homônimo *De re rustica* –, incluindo detalhes como a etimologia da Itália a partir de *italos* (“novilhos”, na língua grega), os mitos de Ceres e Triptólemo e a constelação do touro.⁶⁷ Dessa forma, reforçam-se os elos dessa derradeira parte do proêmio com a seção prévia pela via de uma repetição metodológica de feitura do tratado.

CONCLUSÃO

O exame dos proêmios de *Geórgicas* III e do *De re rustica* VI de Columela, no aspecto dos segmentos em que se dividem e de sua função no interior das partes das respectivas obras nas quais se encontram, revela-nos que a abordagem introdutória do “mesmo” assunto da pecuária, sob o “mesmo” molde compositivo proemial, reveste-se, nesses dois escritores antigos, de marcadas diferenças. Isso se dá, segundo devem ter demonstrado os comentários que esboçamos até este ponto, não só porque se contrapõem as duas parcelas proemiais de Virgílio às três de Columela, mas ainda porque as variações metaliterárias virgilianas sobre dedicar-se a fazer poesia didática de teor pecuário, não um épico, não encontram correlato preciso no gesto do outro “agrônomo” quando, sobretudo, intenta a dignificação e defesa desse tipo de atividade rústica, além do anúncio sucinto dos conteúdos e de seu lugar de posterior surgimento no tratado.

Assim o proêmio virgiliano, com tanta abundância de alusões míticas, a rica metáfora do templo marmóreo, as belas imagens evocativas da grandeza militar e do passado “troiano” de Roma, acrescidas de sua relativa imprecisão, assume cores mais poéticas do que, propriamente, funcionais do ponto de vista informativo. Basta dizer, a respeito desse último ponto, que, apesar da manutenção de contornos proemiais aproximadamente válidos entre os versos 1 e 48 do livro III das *Geórgicas*,⁶⁸ a única espécie animal, dentre aquelas a serem extensamente abordadas na sequência desse mesmo livro, a receber explícita menção em tal *praelocutio* corresponde à dos cavalos (*equorum*) de v. 44. Nada de semelhante divisamos em Columela, pois a própria situação do livro VI em um ponto-chave de *nova* abertura temática do extensíssimo *De re rustica*⁶⁹ “naturalmente” leva o autor a querer dizer com mais detalhes aonde se encaminham seus preceitos práticos. Afinal, se não o fizesse com plena clareza, inclusive no aspecto de enumerar as espécies sob foco descritivo no próprio livro

⁶⁷ Para o direto contato com as passagens varronianas possivelmente “ecoadas” por Columela, vejam-se *De re rustica* II, V e II, III.

⁶⁸ Como atestam a própria menção a Mecenas, aluno e dedicatário do texto [Virgil, 2001, p. 134 (comentário de R. D. Williams)], e a defesa da validade, inclusive poética, de celebrar temas pecuários.

⁶⁹ Tendo antes ocorrido, até o livro V, o desenvolvimento de assuntos relativos às terras e plantios (Aguilar, 2006, p. 271: En el libro VI Columela comienza la exposición referente a la ganadería.).

VI, ou até em sua sequência imediata (VII), decerto faltariam aos leitores coevos – ricos senhores fundiários romanos, é provável –⁷⁰ importantes dados textuais para orientar-se satisfatoriamente desde os inícios da presente subdivisão do *De re rustica*.

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, D. P. Agricultura. In: CODOÑER, C. (org.). *El panorama literario técnico-científico en Roma (siglos I-II d.C.)*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2006.
- ANDRÉ, J.-M. Héritage de la Rhétorique Cicéronienne chez Columelle. *Ktema*, Strasbourg, n. 14, p. 255-272, 1989.
- ARMENDÁRIZ, J. I. G. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*. Sevilla/ Cádiz: Universidad de Sevilla/ Universidad de Cádiz, 1995.
- BORNECQUE, H.; MORNET, D. *Roma e os romanos*. Trad. Alceu Dias Lima. São Paulo: EPU/ Edusp, 2002.
- BOSCHERINI, S. *Lingua e scienza greca nel “De agri cultura” di Catone*. Roma: Edizioni dell’Ateneo, 1970.
- CABRAL, L. A. *O Hino homérico a Apolo*. Campinas/ Cotia: Unicamp/ Ateliê Editorial, 2004.
- CARDOSO, Z. A. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CART, A.; GRIMAL, P.; LAMAISSON, J.; NOIVILLE, R. *Gramática latina*. Trad. Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: T.A. Queiroz/ Edusp, 1986.
- CASQUERO, M.-A. M. Estudio introductorio. In: VARRÓN. *De lingua Latina*. Introducción, trad. y notas de Manuel-Antonio Marcos Casquero. Madrid/ Barcelona: Ministerio de Educación y Cultura/ Ánthropos, 1990.
- CATO; VARRO. *On agriculture*. With an English translation by W. D. Hooper, revised by H. B. Ash. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 2006.
- CODOÑER, C. (org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 2007.
- COLUMELLA. *L’arte dell’agricoltura*. Trad. Rosa Calzecchi Onesti. Torino: Einaudi, 1977.
- COLUMELLA. *On agriculture*. Vol. I – *Books 1-4*. Trans. H. B. Ash. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 1941.
- COLUMELLA. *On agriculture*. Vol. II – *Books 5-9*. Trans. E. S. Forster and E. H. Heffner. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 1968.

⁷⁰ Sobre o “modelo econômico” privilegiado por Columela nas páginas do *De re rustica*, veja-se Noè, 2002, p. 61 *et seq.*

- COLUMELLA. *On agriculture*. Vol. III – *Books 10-12; On trees*. Trans. E. S. Forster and E. H. Heffner. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 1968.
- COMMELIN, P. *Nova mitologia grega e romana*. Trad. Thomaz Lopes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.
- DALZELL, A. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto/ Buffalo/ London: University of Toronto Press, 1996.
- DOODY, A. Virgil the farmer? Critiques of the “Georgics” in Columella and Pliny. *Classical Philology*, Chicago, vol. CII, n. 2, p. 180-198, april 2007.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 2001.
- GRIMAL, P. *Dictionnaire de la mythologie grecque & romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- GRIMAL, P. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.
- LA PENNA, A. Introdução. In: VIRGILIO. *Eneide: volume primo*. Introdução de Antonio La Penna, tradução e notas de Riccardo Scarcia. Milano: Rizzoli, 2002, p. 5-246.
- LESKY, A. *História da literatura grega*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995.
- MARTIN, R.; GAILLARD, J. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan/ Scodel: 1990.
- MARTIN, R. *Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales*. Paris: Les Belles Lettres, 1971.
- NOÈ, E. *Il progetto di Columella: profilo sociale, economico, culturale*. Como: New Press, 2002.
- PROPÉRCIO. *Elegias*. Trad. Aires A. Nascimento, Maria Cristina Pimentel, Paulo F. Alberto e J. A. Segurado e Campos. Assis/ Lisboa: Accademia Propeziana del Subasio/ Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, 2002.
- ROBERT, J.-N. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus: parte I*. Trad. Oscar Paes Leme. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SHARROCK, A. *Seduction and repetition in Ovid's "Ars amatoria" 2*. Oxford: Clarendon Press, 1994.
- THÉOGNIS. *Poèmes élégiaques*. Texte établi, trad. et commenté par Jean Carrière. Paris: Les Belles Lettres, 1975.
- TOOHEY, P. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/ New York: Routledge, 1996.
- TREVIZAM, M. A atenção de Varrão às palavras no livro III do “De re rustica”. *Humanitas*, Coimbra, vol. LXIII, p. 355-372, 2011.

TREVIZAM, M. Domínio e gerenciamento da propriedade familiar no mundo antigo: as contribuições de Catão Censor e Xenofonte. *Organon*, Porto Alegre, vol. XXII, p. 103-116, 2008.

TREVIZAM, M. *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrecio*. Campinas: Unicamp, 2014.

TREVIZAM, M. *Prosa técnica: Catão, Varrão, Vitruvius e Columela*. Campinas: Unicamp, 2014b.

VARRÃO. *Das coisas do campo*. Trad., introd. e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Unicamp, 2012.

VIEIRA, L. M. *Ruptura e continuidade em Apolônio de Rodes: os símiles nas “Argonáuticas” I*. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Letras (Estudos Literários), UFMG, Belo Horizonte, 2006.

VIRGIL. *The Eclogues & Georgics*. Edited with introduction and notes by R. D. Williams. London: Bristol Classical Press, 2001.

VIRGIL. *Georgics: vol. 1, books I-II*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

VIRGIL. *Georgics: vol. 2, books III-IV*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte traduit par E. de Saint-Denis. Introduction, notes et postface par J. Pigeaud. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

VIRGÍLIO. *Geórgicas I*. Trad. Matheus Trevizam e António Feliciano de Castilho, introdução e notas de Matheus Trevizam. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

VOLK, K. *The poetics of Latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

WILKINSON, L. P. *The “Georgics” of Virgil: a critical survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.

Recebido em 19 de abril de 2017

Aprovado em 9 de julho de 2017